

IDEIAS “ATOMISTAS” E A (NÃO) RELAÇÃO COM O SOCIALISMO LIBERTÁRIO

Mariana Affonso Penna*

O objetivo deste artigo é apresentar uma breve discussão sobre a incorporação ou negação das ideias de atomização do indivíduo, diretamente relacionadas ao crescimento das perspectivas teóricas pós-modernas, por parte de indivíduos e agrupamentos que se propõem libertários, ou que são efetivamente socialistas libertários.

Breve (e simples) conceituação de Socialismo Libertário:

Daniel Guérin talvez tenha sido um dos poucos intelectuais a observar a necessidade de não tomar o Anarquismo e o Marxismo como teorias antagônicas. Guérin em seu pequeno artigo “Irmãos Gêmeos, Irmãos Inimigos” (GUÉRIN, 1986), tenta jogar luz sobre esse antagonismo que mais tem atrapalhado do que contribuído para o entendimento do campo socialista e as divergências internas. Pelo lado libertário, os marxistas são vistos como necessariamente autoritários, pelo outro lado, muitos marxistas tentam estigmatizar o Anarquismo como utopia pouco construtiva.

Por isso, ainda que breve, o artigo de Guérin é muito importante por jogar luz sobre uma problemática um tanto esquecida: a falsa divisão inconciliável entre anarquistas e marxistas. Daniel Guérin não desenvolveu mais extensamente sua crítica, mas, a partir dela, podemos chegar a algumas conclusões sobre esta questão. Primeiramente, se considerarmos a prática política concreta, percebemos que a simples adoção de um referencial teórico enquadrado como “anarquista” ou “marxista” diz muito pouco. No cotidiano da atuação política, a diferente “filiação” pode se demonstrar pouco significativa. Em outras palavras, há muito pouca distinção entre um conselho com hegemonia marxista e uma federação anarquista se autogestionários se fazem. As maiores divergências se dão em termos teóricos, pois enquanto muitos anarquistas negam contribuições de Marx para alcançar sua almejada Revolução Social, os marxistas conselhistas, por exemplo, percebem nele elementos de contribuição para a Autogestão Social. Isto, no entanto, não separa em grupos antagônicos conselhistas e

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal Fluminense. Texto escrito em 2009, com breve revisão para publicação em 2015.

anarquistas, o que significa, portanto, que ambas as tendências do socialismo possam ser agrupadas sob a denominação comum de Socialismo Libertário.

Mas o que diferenciaria socialistas libertários das demais vertentes do socialismo? O fato de ser ou não marxista não serviria, portanto, como diferencial, pois como afirmado, os marxistas libertários não poderiam ser deixados de fora do Socialismo Libertário. Afinal, o que separaria os libertários da tendência marxista-leninista conforme John Holloway (HOLLOWAY, 2000) ou bolchevique, conforme Nildo Vianna (VIANA, 2008), é a questão da representação. Pois enquanto os marxistas-leninistas defendem ainda que provisoriamente que a representação dos interesses da classe operária se dê através de organizações em formato de partido, os libertários defendem a construção imediata da autogestão social. Ou seja, o que unifica os socialistas libertários seria a negação da alienação política, entendida como representação externa na qual o representado não tem poder direto sobre as decisões. E, em lugar disso, propõem a prática do autogoverno.

Incorporação e negação de ideias individualistas por libertários

Os socialistas libertários, em geral, têm conhecimento do quão nociva é a assimilação de leituras vulgares do marxismo para a prática revolucionária/transformadora. As críticas amplamente difundidas por muitos e variados setores tanto de direita, como também na esquerda, acerca dos problemas de ideias evolucionistas, etapistas, contidas em tais interpretações já se tornou quase um “senso comum”. Costuma-se atribuir a Karl Marx uma quase paternidade do pensamento evolucionista da sociedade, mas estas interpretações da História Social como composta por diferentes etapas evolutivas não foram criações de Marx. Tal pensador assimilou, logicamente, parte do pensamento evolucionista em voga na sua época, no Século XIX. Mas, apesar do que dizem muitos de seus críticos, não foi esta a principal característica de suas obras.

Já no século XVIII, indivíduos como Edward Gibbon (1737-1794) apresentavam teorias imersas na ideologia capitalista em ascensão e, na ânsia de dar legitimidade a este modo de produção, considerava um esquema em que o progresso humano caminharia da barbárie até a civilização, como expressa na sua obra “Decadência e queda do império Romano” (GIBBON, 2005). Também o considerado “pai do liberalismo”, Adam Smith (1723-1790), em *A riqueza das nações* escalonou o desenvolvimento humano que iria dos caçadores e coletores ao comércio internacional

(SMITH, 1996). Estes são dois exemplos de autores da “escola escocesa”, que tiveram como principal realização a construção ideológica de uma legitimidade do capitalismo como grande avanço frente aos modelos econômicos anteriores, a fim de negar tanto qualquer possibilidade de “retrocesso” como também de revolução. Digo isto apenas para demonstrar que esta maneira “etapista” de pensar estava inserida na sociedade do século XIX na qual viveu Marx (e ainda hoje se manifesta no senso comum), e que afirmar que o capitalismo não era o topo do desenvolvimento humano, mas sim o Comunismo, a sociedade na qual as classes sociais e o estado já teriam sido abolidas (a emancipação humana), se por um lado é equivocado por ser um tanto “divinatório”, por outro demonstra um avanço por desmistificar a falsa estagnação do modo de produção. Negar a imutabilidade do capitalismo através da afirmação dos processos, da transformação constante da sociedade, foi sem dúvida uma contribuição enorme de Marx para a história e para o socialismo de maneira mais ampla.

No entanto, no afã de se afirmarem como oposição a determinadas interpretações do marxismo, ou o que é pior, no engano de pensarem ser oposição às práticas consideradas autoritárias de alguns agrupamentos marxistas-leninistas, em especial daqueles que se organizam em partidos políticos eleitorais, mesmo sem correspondência ao passado histórico de tal corrente do pensamento, muitos individualistas se auto rotulam “anarquistas” e negam toda e qualquer contribuição marxista para a interpretação da realidade social e para sua superação. Mas isto é esperado de correntes individualistas, pois estas mais se aproximam do liberalismo, ainda que adotando para si a nomenclatura de “anarquistas”, porém, há ainda muitos libertários socialistas que recaem no mesmo erro. Assim, acabam por lançar fora o que até mesmo Bakunin reivindicava ao reconhecer a importância de *O Capital* como uma análise suficientemente bem elaborada do capitalismo. Além disso, muitas vezes ignoram que o leninismo é apropriação de Marx por Lênin, da mesma forma que o Comunismo de Conselho é apropriação de Marx por Otto Rühler, Pannekoek e tantos outros, cuja prática política está mais próxima da metodologia de atuação política dos libertários e não daqueles que interpretam como os “socialistas autoritários”, “marxistas”.

É possível considerar que o motivo por trás desta adesão acrítica de muitos libertários ao linchamento de direita contra o marxismo seja a grande atração que ideias aparentemente “libertárias” exercem sobre esses indivíduos e agrupamentos políticos. Estas ideias, que em geral agrupamos sobre o guarda-chuva ideológico do pós-

modernismo, ao negarem a discussão acerca da centralidade do poder (e em especial sua relação com a economia), destacam a dispersão e, por isso, parecem à primeira vista, uma crítica às diversas formas de dominação, com destaque para a forma de dominação estatal.

Porém, a crítica liberal e/ou pós-moderna, muitas vezes, conduz a relativismos absolutos e a própria negação da ciência como interpretação que visa o máximo de aproximação à realidade, ainda que reconhecendo a impossibilidade de se alcançar uma verdade absoluta. E, da mesma forma que como homem de seu tempo, Marx foi influenciado por teorias evolucionistas⁴⁶, muitos (auto-intitulados) “libertários” atualmente se apegam a teorias idealistas, individualistas e assimilam objetivos irrealistas, os quais tendem a frear aspirações por mudanças econômicas e políticas mais significativas.

Não é muito difícil entender o que leva indivíduos críticos da realidade social ora vigente a se enveredar por complicados caminhos, mas isso não nega a necessidade de afirmá-los como um erro. Uma parcela significativa da esquerda burocrática, em sua interpretação auto-servidora do marxismo, vem atuando para se “encastelar” no poder, seja através do aparelhamento de entidades de classe como os sindicatos, seja através de sua inserção direta na máquina do estado, que na interpretação socialista libertária serve somente às classes dominantes, necessitando ser urgentemente superado por uma organização autogestionária que conduza, de fato, ao poder popular e não ao poder de uma “nova” elite de burocratas pseudo-defensores do interesse popular. Este tipo de crítica, porém, acaba por vezes conduzindo a conclusões equivocadas de que a atuação destes agrupamentos políticos estaria contida em Marx, ou que necessariamente a leitura de Marx os conduziu a esta prática. Afirmar isto seria negar a existência do conselhismo, do situacionismo e de tantas outras tendências do marxismo que nada têm em comum com o burocratismo.

⁴⁶ Não se trata de um simples “evolucionismo” como as caricaturais “5 etapas” stalinistas, mas há um sentido de evolução histórica (com base ocidental) que pode ser identificado em diversos trabalhos do autor desde o *Manifesto* quando trata das condições criadas pelo capitalismo que possibilitariam o comunismo, até seu artigo sobre o imperialismo inglês na Índia, no qual considera que a superação do modo de produção arcaico da Índia, possibilitada pelo domínio europeu (em toda sua violência) é que permitiria alcançar a revolução mundial: “A Inglaterra, é verdade, ao causar uma revolução social no Indostão estava movida pelos interesses mais vis e era estúpida na sua maneira de os impor. Mas não é disso que se trata. A questão é: pode a humanidade cumprir o seu destino sem uma revolução fundamental no estádio social da Ásia? Se não, quaisquer que possam ter sido os crimes da Inglaterra, ela foi o instrumento inconsciente da história ao provocar essa revolução.” (Marx, 1853)

No entanto, infelizmente, é assim que muitos libertários compreendem o marxismo e, desta maneira, em especial aqueles oriundos da classe média e desorganizados se deixam seduzir por ideias pós-modernas favoráveis à manutenção do *status quo*, se afastam dessa maneira de reflexões acerca da importância da luta de classes e da transformação das estruturas produtivas, (ou melhor, da necessidade de se alterar a distribuição dos indivíduos na produção) e se apegam a interpretações que se aproximam até da famigerada “conciliação de classes” amada pelos liberais.

Assim sendo, sem negar a importância das muitas críticas coerentes aos equívocos do marxismo, sendo, portanto, também corretas, uma tendência que desloca as explicações mais amplas e gerais sobre a sociedade para o indivíduo tem preponderado e trazido efeitos negativos para a transformação social. O porquê disto está no obstáculo que estas teorias “atomistas” impõem ao se limitarem ao facilmente observável pelo indivíduo. Trata-se de uma simplificação que torna mais compreensível a realidade, ainda que disfarçada de uma aparente maior complexidade.

Um exemplo para melhor explicitar estas interpretações são as leituras nietzschianas a respeito dos indivíduos. A maneira como Nietzsche apresenta os indivíduos como criadores e indivíduos comuns quase que atomiza este indivíduo criador dos valores preponderantes na sociedade enquanto que transforma os demais numa massa homogeneamente alienada.⁴⁷ Este tipo de visão é de fácil acessibilidade àqueles indivíduos, principalmente jovens de classe média (os quais podem mais facilmente ter acesso a estas leituras) e afastados do convívio com as camadas mais empobrecidas da população, que observam a dramática realidade social, marcada por desigualdade social, preconceitos e discriminações diversas, reconhecem tudo isto como problema, mas não identificam dentre os oprimidos algum ímpeto que considerem significativo para combater estes males. Daí, tiram conclusões que podemos interpretar como uma forma de elitismo, não no sentido exato da teoria das elites de Mosca e Pareto, mas o que poderia ser tido como uma espécie de elitismo supostamente libertário de influência nietzschiana⁴⁸. Ou seja, reconhecendo os problemas e entendendo que a grande maioria afetada não reage a estes problemas, apenas um

⁴⁷ Não se trata de desconsiderar, como o fazem muitos marxistas, as contribuições de Nietzsche para o pensamento filosófico. O equívoco se encontra na negação das contribuições do marxismo devido à simpatia por estas teorias. É possível e necessário pensar o indivíduo, no entanto, não se pode ignorar a divisão da sociedade em classes.

⁴⁸ Como veremos a seguir em *Uma crítica ao Anarquismo como caos* de Murray Bookchin: “(...) o anarquismo de estilo de vida foge de toda militância social significativa e do firme compromisso com os projetos duradouros e criativos, quando se dissolve nas queixas, no niilismo pós-modernista e na confusão. O senso nietzschiano de superioridade elitista.”.

“grupo seletivo”, com indivíduos de origens de classes variadas, mas com uma interpretação do mundo semelhante, pode transformar a realidade.⁴⁹ Na teoria das Elites, de Mosca e Pareto, são os indivíduos extraordinários os únicos capazes de governar a massa amorfa, nesta teoria que considere um elitismo de influência nietzschiana, é um grupo de indivíduos extraordinários que é capaz de se autogerir.

O objetivo deste artigo, porém, não é o de condenar nem promover um linchamento ideológico desta tendência de pensamento político, não é isto, mas sim entender a sua origem para então propor a superação do que é aqui entendido como um problema. Este problema teria por origem uma deficiência teórico-prática. A observação de uma certa passividade política das massas é muito fácil e acessível, mas o entendimento de sua origem é muito mais complicado, principalmente porque implica em observar o que em nós mesmos há de reprodução e aceitação do *status quo*. Há uma espécie de “egocentrismo” que isola o indivíduo crítico de perceber a causa de sua adesão a esta visão mais crítica. Por exemplo, mais dramático do que estou querendo tratar, temos a questão da Luta de Classes. Reduz-se a importância ou até ignora-se que ela exista baseado na ideia de que não se pode falar em classes, em grupos visto que cada indivíduo é único e possui uma consciência única, que independe de classe, mas, sim, da combinação de suas muitas e fluidas identidades. Alegam ser verossímil esta explicação dada a observação “empírica” de que muitos indivíduos proletários reproduzem posicionamentos conservadores ou mesmo reacionários, o que na melhor das hipóteses só pode ser encarado como uma séria deficiência teórica destes autointitulados libertários. Assim, eles entram na onda de fragmentação pós-moderna e colocam lado a lado as opressões (classe, gênero, étnicas etc.) desconsiderando suas especificidades, assim como pontos de intersecção.

Outra área do conhecimento que tem contribuído muito para o “esquecimento” da luta de classes tem sido, infelizmente, a Antropologia. Seus estudos contribuíram imensamente para mascarar a exploração econômica ao apresentar a ideia de que somos muitas vezes moldados pelos valores culturais da sociedade e grupos em que estamos inseridos, e que isto se dá de maneira pouco consciente. Em geral, até por ser uma ciência da moda, cada vez mais pessoas se identificam com esta concepção. No entanto, ignora-se, muitas vezes, o fato de que na mesma sociedade, ainda que nesta predominem os valores de uma elite, a forma como o indivíduo se insere na produção,

⁴⁹ Esta é uma leitura muito comum da obra de Nietzsche e, favorece sem dúvida a identificação com bandeiras como a da construção de sociedades alternativas.

ou seja, a sua origem de classe é também um elemento de construção da sua identidade e de seus valores. E, logicamente, a luta de classes se dará constantemente disputando estes valores a favor ou contra determinada classe.

Talvez, influenciados também pela moda antropológica, tenham surgido os chamados neoprimitivistas. Um interessante livro relacionado a esta corrente é o *Bolo'bolo*, o qual poderia ser considerado uma espécie de “utopia contemporânea”, escrita por Hans Widmer em 1983, ainda que difundido anonimamente e sem datação até os dias atuais. Esta utopia tem por principal característica apresentar uma proposta extremamente irrealista, dado o total desapego com relação à realidade objetiva em favor de uma proposta com base “primitivista” de reagrupamento da sociedade em pequenas comunidades.

Em tempos pré-históricos o negócio não parecia tão mau. Durante o Paleolítico, cinquenta mil anos atrás, éramos muito poucos. Havia comida abundante (caça e vegetais), e sobreviver exigia só um tempinho de trabalho com esforços modestos. (...) O Paleolítico deve ter sido mesmo um bom negócio, a se acreditar nos recentes achados antropológicos. É por isso que ficamos nele por milhares de anos - um período longo e feliz, comparado com os dois séculos do atual pesadelo industrial. (WIDMER, 1983, p. 3)

A proposta, portanto, seria uma espécie de retorno a esse Paleolítico perdido e o mecanismo para isso seria a fragmentação do mundo em pequeníssimas comunidades (Bolos) que contariam com uma população de 300 a 500 habitantes e fariam trocas comerciais entre si, além de se articularem de variadas outras maneiras. O principal inimigo da humanidade seria não o capitalismo, mas a “Máquina”, que para o autor de *Bolo'bolo* se relaciona diretamente com o Trabalho:

Com o início da industrialização as coisas não melhoraram. Para esmagar as rebeliões na lavoura e a crescente independência dos artesãos nas cidades, introduziu-se o sistema de fábricas. Em vez de capatazes e chicotes, usavam máquinas. Elas comandavam nosso ritmo de ação, punindo automaticamente com acidentes, mantendo-nos sob controle em vastos galpões. Mais uma vez progresso significava trabalho e mais trabalho, em condições ainda mais assassinas. A sociedade inteira, em todo o planeta, estava voltada para uma enorme Máquina do Trabalho. (...)

A nova Máquina do Trabalho criou grandes Ilusões sobre um futuro melhor. Afinal, se o presente era tão miserável, o futuro só podia ser melhor. Até mesmo as organizações de trabalhadores se convenceram de que a industrialização estabeleceria bases para uma sociedade mais livre, com mais tempo disponível, mais prazeres. Utopistas, socialistas e comunistas acreditaram na indústria. Marx pensou que com essa ajuda os humanos poderiam caçar, fazer poesia, gozar a vida novamente. (Pra que tanta volta?) Lenin e Stalin, Castro e Mao e todos os outros pediram Mais Sacrifício para construir a nova sociedade. Mas mesmo o socialismo não passava de um novo truque da Máquina do Trabalho, estendendo seu poder às áreas onde o capital privado não chegaria. A Máquina do Trabalho não importa ser

manejada por multinacionais ou por burocracias de Estado, seu objetivo é sempre o mesmo: roubar nosso tempo para produzir aço. (Idem, p. 4)

Apesar da falta de realismo presente nesta utopia, ela tem sido admirada por setores da juventude (ainda que pequenos e ligados a contraculturas) descontentes com seu futuro destino de inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente de sua participação como sujeitos alienados no processo de trabalho/produção. No entanto, este descontentamento não é suficiente para romper com a estagnação inicial, ficando reservada apenas ao *grito* desprovido de práxis. Ou seja, estes indivíduos em geral não se organizam ou, se o fazem, devido a estas concepções irrealistas, são inofensivos à preservação do status quo.

Mais recente e provavelmente mais propagada nos dias atuais que esta utopia de vésperas da queda da União Soviética (com todo seu sentimento de desilusão em relação ao socialismo, conforme percebemos no trecho citado) é a utopia individualista de Hakim Bey manifesta das *Zonas Temporárias Autônomas*. Esta nova “teoria” que se identifica como anarquista, é definida e criticada por Murray Bookchin como *anarquismo de estilo de vida*, não guardando assim relação de fato com o anarquismo em suas origens, mas sim com uma lógica individualista e pós-moderna:

O preço que o anarquismo pagará se permitir que este absurdo substitua os ideais libertários de um período anterior será enorme. O anarquismo egocêntrico de Bey, com seu afastamento pós-modernista em direção à autonomia individual, às experiências-limite foucaultianas, e ao êxtase neo-situacionista, ameaça tornar a palavra anarquismo política e socialmente inocente, uma simples moda para o gozo dos pequenos burgueses de todas as idades. (BOOKCHIN, 2011)

Em *Uma crítica ao Anarquismo como caos*, Murray Bookchin critica fortemente as tendências individualistas e atomistas que se auto intitulam como anarquistas. Assim, ele enumera algumas das influências nas quais “bebem” estes indivíduos:

(...) O anarquismo de estilo de vida hoje encontra sua principal expressão (...) no niilismo pós-modernista, no anti-racionalismo, no neoprimitivismo, na antitecnologia, no “terrorismo cultural” neo-situacionista, no misticismo, e na “prática” da encenação das “insurreições pessoais” foucaultianas.

Essas modernas e vaidosas posturas, quase todas resultado da moda yuppie, são individualistas no importante sentido de que são antitéticas ao desenvolvimento de organizações sérias, de uma política radical, de um movimento social comprometido, de coerência teórica e de relevância

programática. Mais voltada a atingir a “auto-realização” do que as mudanças sociais fundamentais (...). (BOOKCHIN, 2011)

Sua crítica iracunda é principalmente direcionada à obra de Hakim Bey, TAZ. TAZ é a sigla para no inglês “Temporary Autonomous Zone”, ou seja, *Zona Autônoma Temporária*, que assim como *Bolo’bolo* é uma espécie de utopia moderna, sendo esta de autoria de Hakim Bey e com uma repercussão significativamente superior àquele livro que o precede, repercussão esta que se deu especialmente em meio à juventude dos países ricos, mas alcançou também a classe média dos países de capitalismo dependente. Também em termos da fluidez a proposta da TAZ supera *Bolo’bolo*, pois consiste basicamente na criação de espaços autogeridos (ou talvez melhor seria defini-los como desorganizados) que tenderiam a rapidamente se dissolverem, criando assim a necessidade de se criar um novo espaço com as mesmas características. A este se seguiriam outros e outros de maneira contínua.

A T.A.Z. apresenta-se como um estado de espírito, um humor ardentemente antirracional e anti-civilizador, no qual a desorganização é compreendida como uma forma de arte. [...] Bey (seu pseudônimo é a palavra turca para “chefe” ou “príncipe”) não mede palavras sobre seu desprezo pela revolução social: “Por que diabos confrontar um ‘poder’ que perdeu todo seu significado e tornou-se uma completa Simulação? Tais confrontações apenas resultarão em perigos e horrendos espasmos de violência”. Poder entre aspas? Uma mera “Simulação”? Se o que está acontecendo na Bósnia com toda aquela potência de fogo for uma mera “simulação”, então, de fato, nós estamos vivendo em um mundo muito seguro e confortável!

E Bookchin continua com sua profunda crítica a respeito da ilusão de liberdade individual proclamada por Bey, quem considera de maneira muito semelhante à proposta por Max Stirner⁵⁰ que a sociedade deveria se organizar como uma espécie de “sindicato de egoístas”, no qual cada um seria seu próprio monarca:

Certamente, essa visão não repelirá as butiques da “cultura” capitalista, muito mais do que barbas ou cabelos longos e o jeans repeliram o mundo empresarial da alta moda. Infelizmente, muitas pessoas neste mundo “e não ‘simulações’ ou ‘sonhos’” não têm nem mesmo a si mesmas, assim como os prisioneiros forçados ao trabalho e as prisões podem atestar no mais concreto dos termos. Ninguém jamais pairou fora do reino terrestre da miséria em “uma política dos sonhos” exceto os privilegiados pequenos burgueses, que devem achar os manifestos de Bey afáveis, particularmente nos momentos de aborrecimento.

Por fim:

⁵⁰ STIRNER, Max - *O Único e a sua Propriedade*. Lisboa: Antígona, 2004

A T.A.Z. é tão passageira, tão evanescente, tão inefável em contraste com o Estado e a burguesia formidavelmente estáveis que “assim que a T.A.Z. é nomeada (...) ela deve desaparecer, ela vai desaparecer (...) e brotará novamente em outro lugar”. A T.A.Z., de fato, não é uma revolta, mas sim uma simulação, uma insurreição igualmente vivida na imaginação de um cérebro juvenil, uma retirada segura para a irrealidade. Entretanto, Bey declama: “Nós a recomendamos [a T.A.Z.], pois ela pode fornecer a qualidade do enlevamento, sem necessariamente [!] levar à violência e ao martírio”. Mais precisamente, como um happening de Andy Warhol, a T.A.Z. é um evento passageiro, um orgasmo momentâneo, uma expressão fugaz da “força de vontade” que é, de fato, uma evidente impotência em sua capacidade de deixar qualquer marca na personalidade, subjetividade ou mesmo na auto-formação do indivíduo, e menos ainda em modificar eventos ou a realidade.

Por isso, para reiterar, o Socialismo Libertário, por ser organizado, entra em confronto constantemente com estas ideias, e não é parte delas, assim como não foi historicamente. Mesmo dentre os anarquistas que negam as contribuições de Marx para a teoria revolucionária, não podemos a eles atribuir esta tendência individualista e “desorganizadora”, muito pelo contrário.

Aspirar à totalidade não significa dizer que esta será alcançada via-partido

Desejar a compreensão do todo é uma aspiração científica legítima e uma ferramenta importante para a superação dos problemas vigentes. A falta de compreensão do funcionamento da sociedade pode levar a equívocos os mais problemáticos, como por exemplo, é possível pensar a caridade como mecanismo de equalização econômica na sociedade se, por exemplo, se entender o problema da pobreza como problema da distribuição das mercadorias produzidas pela humanidade. Como Marx já evidenciou em *Para a crítica da Economia Política* (MARX, 1974), não é possível compreender a desigualdade apenas na questão da distribuição dos bens, mas sim na distribuição das pessoas no processo de produção (donos dos meios de produção e vendedores de força de trabalho). A falta desta percepção pode, por exemplo, levar a um abnegado franciscano fazer a defesa da dedicação ao próximo através da caridade como uma atitude transformadora da realidade social.

Este foi apenas um exemplo de como a compreensão do funcionamento da sociedade em seus muitos processos é fundamental para se pensar a transformação. No entanto, o grande problema enfrentado na História do Socialismo foi quando esta aspiração por compreender o todo foi confundida com a necessidade de se conhecer este todo através da supremacia de uma vanguarda política, a qual não apenas se converteria em detentora da verdade, em sujeito-revolucionário onisciente como também naquela responsável por conduzir a classe “alienada” para ela.

A perspectiva (e moda) pós-moderna passou a fazer então uma crítica não somente a esta ideia de vanguarda como sujeito revolucionário (partido) no lugar da classe, como também passou a negar qualquer proposta de compreensão do todo social.

Porém, mesmo esta acertada crítica ao problema de se tomar o partido como sujeito-revolucionário não é sequer uma novidade “pós-moderna”, como alguns poderiam considerar. Tanto anarquistas como conselhistas já elaboraram no início do século passado diversas críticas aos rumos tomados pela Revolução de Outubro.

Lênin afirma, “Os soviets operários e camponeses representam um novo tipo de Estado, um tipo novo e superior de democracia; uma forma de ditadura do proletariado, o meio de governar o Estado sem a burguesia e contra burguesia” (LENIN, 1978, p. 384).

No entanto, não foi esta forma de “estado” que foi preconizada de fato pelos bolcheviques. Inclusive isto é admitido por Vânia Bambirra, autora leninista:

A essência do novo tipo de Estado seria encontrada em uma nova democracia ‘que coloca em primeiro plano a vanguarda das massas trabalhadoras, faz delas legisladores, executores e responsáveis pela defesa militar, e cria uma estrutura que pode reeducar as massas’ (...)“É importante destacar como Lênin releva de maneira clara que o poder é exercido em primeira instância pela vanguarda, enquanto as massas são reeducadas para o exercício das funções legislativas e executivas (BAMBIRRA,1993, p. 116).

Significa dizer que, para a autora em referência à revolução bolchevique, as massas trabalhadoras são governadas a partir de uma vanguarda e essa não se trata de uma espécie de minoria ativa nos soviets, mas sim de uma vanguarda atuando no partido sobre os soviets. Historicamente percebemos que o efeito sobre esses últimos foi a perda de seu poder político frente a um estado supostamente “soviético”. Esta contradição fica ainda mais evidente quando ela afirma:

Com o triunfo da revolução de outubro, todo o poder estatal foi entregue aos soviets; e embora as funções de governo passem a ser exercidas pelo partido – a vanguarda – Lênin estava persuadido que este não obstante governasse com base nas instituições das massas, suas atribuições deviam ser provisórias, porque em definitivo ‘essas funções, sem embargo, devem ser realizadas através de instituições especiais que são de qualquer maneira de tipo novo, a saber os soviets’ (BAMBIRRA, 1993, p. 143-144).

A história demonstrou de maneira clara como esta superação do governo do partido pelo governo dos soviets não se deu, ao contrário, os soviets foram apenas perdendo espaço para o Partido Comunista.

Mas afinal, por que, no entendimento dos marxistas libertários não seria possível superar o capitalismo através de uma transição para o comunismo promovida

pela ditadura do partido? A resposta remonta a discussão sobre a alienação. *A libertação da classe trabalhadora só pode ser obra da classe trabalhadora*, não caberia, portanto, ao partido educar a classe trabalhadora para que a mesma pudesse se autogovernar. O autogoverno tem de ser construído, nisto deveria consistir o período de transição segundo a percepção dos marxistas libertários. Para estes, a ditadura do proletariado não poderia ser entendida como ditadura do partido, mas sim como ditadura da classe, por isso, o estado em sua estruturação burguesa precisaria ser necessariamente superado a favor da comuna, dos conselhos, das federações ou sovietes (entendendo estas denominações como próximas ou equivalentes). Através da luta, da consciência do processo de alienação e a busca pela sua superação, ou seja, conforme o proletariado tomasse o poder de fato, através da autogestão social, poderia superar a lógica capitalista e avançar rumo ao comunismo ou socialismo libertário. Neste sentido, percebemos que, excluídas algumas perspectivas atomistas, individualistas – aquilo que Murray Bookchin chamou de um “anarquismo de estilo de vida” –, o Anarquismo e leituras marxistas libertárias da realidade social são mais irmãos gêmeos do que inimigos.

Referências

- BAKUNIN, Mikhail. *O Princípio do Estado*. Brasília: Novos Tempos, 1989.
- BAMBIRRA, Vânia. *A Teoria Marxista da Transição e a Prática Socialista*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.
- BOOKCHIN, Murray. *Uma crítica ao Anarquismo como caos in Anarquismo: crítica e autocrítica*. São Paulo: Hedra, 2011.
- GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- GUÉRIN, Daniel. *Irmãos Gêmeos, Irmãos Inimigos* in GUÉRIN, Daniel; MALATESTA, Errico e KROPOTKIN, Piotr. *O Anarquismo e a Democracia Burguesa*. São Paulo: Global, 1986.
- LENIN, Wladimir. *Que fazer?* São Paulo: Hucitec, 1978.
- MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política in Manuscritos Econômicos-Filosóficos e outros textos escolhidos (Coleção Os Pensadores)*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1974.
- _____. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____. *A Dominação Britânica na Índia* [1853]. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/06/10.htm> Acesso em 10 de dezembro de 2015.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

VIANA, Nildo. *O Que São Partidos Políticos?* Goiânia: Edições Germinal, 2003.

_____. *A Consciência da História. Ensaios sobre o Materialismo Histórico-Dialético*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

_____. *Manifesto Autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.

WIDMER, Hans. Bolo'bolo. 1983. Disponível em: <http://pensamentosnomadas.blogs.sapo.pt/bolobolo-em-portugues-pdf-23592> Acesso em 10 de dezembro de 2015.

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma breve discussão sobre a incorporação ou negação das ideias de atomização do indivíduo – diretamente relacionadas ao crescimento das perspectivas teóricas pós-modernas – por parte de indivíduos e agrupamentos que se propõem libertários, ou que são efetivamente socialistas libertários e como isto se relaciona com as leituras marxistas da realidade social.

Palavras-chaves: Socialismo Libertário; Pós-Modernismo; Marxismo.

Abstract: This article proposes a brief discussion about the incorporation or denial of individual's "atomistic" ideas – directly linked to the post-modernist perspective rising – by libertarian socialists individuals and groups, and how this issue is related to the Marxists reality interpretations.

Keywords: Libertarian Socialism; Post-Modernism; Marxism.